

ESTRATÉGIAS DISCURSIVAS NO DISCURSO POLÍTICO: A CONSTRUÇÃO DO ETHOS NO DISCURSO DE BARACK OBAMA^[1]

Maria do Carmo Souza de ALMEIDA
Eveline Mattos Tápias OLIVEIRA
Vera Lúcia Batalha de Siqueira RENDA

Universidade de Taubaté – UNITAU

Resumo: Em vista das reconfigurações da sociedade atual, acreditamos ser imprescindível que os cursos de licenciatura atentem para o desenvolvimento de novas estratégias e práticas didático-pedagógicas que preparem o professor para um efetivo trabalho de compreensão e recepção dos discursos midiáticos. Dessa forma, nossa intenção com este artigo é analisar o Discurso que Barack Obama proferiu no Cairo, Egito, em 4 de junho de 2009, a fim de investigar como ocorreu a construção do *ethos*. Nosso referencial teórico é composto pelos Estudos Críticos do Discurso e os conceitos bakhtinianos de gêneros discursivos e de dialogia; pelos conceitos da Retórica Clássica retomados pela Nova Retórica; e pelos conceitos-chave da filosofia pragmática de Richard Rorty. Fizemos uso da metodologia de análise da retórica. Optamos por fazer alguns recortes no *corpus* analisado, em virtude da extensão do material.

Palavras-chave: Discurso. *Ethos*. Retórica.

DISCURSIVE STRATEGIES IN THE POLITICAL DISCOURSE: THE CONSTRUCTION OF ETHOS IN BARACK OBAMA'S ADDRESS

Abstract: Due to the reconfigurations of the present society, we believe it is vital that bachelor's degrees consider the development of new strategies and didactic-pedagogical practices which prepare teachers for an effective comprehension and reception of media discourses. Thus, the aim of this article is to analyze the political address made by Barack Obama in Cairo, Egypt, on June 4, 2009, in order to investigate how the construction of *ethos* occurred. Our theoretical frame is composed of the Discourse Critical Studies and bakhtinian concepts of discursive genres and dialogism; the concepts of Classical Rhetoric revisited by the New Rhetoric; and the key concepts of Richard Rorty's pragmatic philosophy.

We used the rhetoric analysis methodology. We decided to select some excerpts from the corpus due to its extension.

Keywords: Discourse. *Ethos*. Rhetoric.

ESTRATEGIAS DISCURSIVAS EN EL DISCURSO POLÍTICO: LA CONSTRUCCIÓN DEL ETHOS EN EL DISCURSO DE BARACK OBAMA

Resumen: Debido a las reconfiguraciones de la sociedad actual, creemos ser imprescindible que los cursos de licenciatura pongan atención al desarrollo de nuevas estrategias y prácticas didáctico-pedagógicas que preparen el profesor para un trabajo efectivo de comprensión y recepción de los discursos mediáticos. De este modo, nuestro propósito con este artículo es analizar el Discurso que Barack Obama hizo en Cairo, Egipto, el 4 de junio de 2009, a fin de investigar como ocurrió la construcción del *ethos*. Nuestro referencial teórico está compuesto por los Estudios Críticos del Discurso y los conceptos bakhtinianos de géneros discursivos y de dialogía; por los conceptos de la Retórica Clásica retomados por la Nueva Retórica; y por los conceptos-clave de la filosofía pragmática de Richard Rorty. Usamos la metodología de análisis de la retórica. Optamos por hacer algunos recortes en el *corpus* analizado, en virtud de su extensión.

Palabras-clave: Discurso. *Ethos*. Retórica.

INTRODUÇÃO

O objetivo deste artigo é analisar alguns aspectos do Discurso [2] que Barack Obama proferiu no Cairo, Egito, em 4 de junho de 2009 [3]. Escolhemos este Discurso, dentre os vários já proferidos pelo presidente dos Estados Unidos desde sua primeira posse em 20 de janeiro de 2009, porque é considerado um Discurso histórico e emblemático em sua tentativa de reaproximação de ocidente e oriente. Utilizaremos, como apoio, o seguinte aporte teórico: a abordagem dos Estudos Críticos do Discurso [4] (DIJK, 2008; FAIRCLOUGH, 2001); a metodologia de análise da “Nova Retórica” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 1996; PERELMAN, 2004; REBOUL, 2004; MEYER, 2007); a filosofia pragmática de Richard Rorty (RORTY, 2005, 2006) e os conceitos bakhtinianos de géneros discursivos e de dialogia (BAKHTIN, 1995, 2003). Além disso, também buscaremos subsídios em outros autores cujas abordagens sejam pertinentes às discussões.

Entendemos que nossa análise justifica-se em virtude de que, no mundo atual, as questões multiculturais tomam a pauta do dia e novas tecnologias surgem a cada hora, portanto, cremos ser fundamental que a educação formal, sobretudo os cursos de licenciatura, desenvolva cada vez mais novas estratégias para reorientar métodos e práticas didático-pedagógicas que preparem o professor para um efetivo trabalho de compreensão e recepção dos discursos midiáticos. A formação docente precisa atentar para o momento de transformações em todas as áreas da vida em sociedade. Afinal, muitas são as mudanças e novas são as reconfigurações do ser e estar nesta “sociedade de comunicação” contemporânea (VATTIMO, 1992).

Iniciaremos pela abordagem dos Estudos Críticos do Discurso e dos conceitos Bakhtinianos, passaremos à metodologia de análise da retórica e, por fim, apresentaremos, brevemente, o cerne da filosofia pragmática rortiana. Em seguida, passaremos à análise do Discurso de Obama, com a finalidade de observar principalmente como se dá construção do *ethos*. Para realizar essa tarefa, em decorrência da extensão do *corpus*, serão feitos somente alguns recortes. Por fim, apresentaremos as considerações finais.

2. ESTUDOS CRÍTICOS DO DISCURSO

O foco especial de análise dos Estudos críticos do discurso (ECD) recai sobre os “aspectos de abuso do poder e, portanto, mais geralmente, sobre as condições e consequências sociais da escrita e da fala” (DIJK, 2008, p.13). Assim, os ECD podem configurar-se como arcabouço teórico de pesquisas que estejam preocupadas em contribuir para “a apoderação social de grupos dominados, especialmente no domínio do discurso e da comunicação” (p.13). Além disso, eles procuram compreender também “as complexas relações entre a estrutura social e a estrutura discursiva, bem como no modo como as estruturas discursivas podem variar ou ser influenciadas pela estrutura social” (p.13). Portanto, a proposta dos teóricos dos ECD ou Análise Crítica do Discurso (ACD), como é mais conhecida, é “desenvolver uma abordagem para análise do discurso que poderia ser usada como um

método dentre outros para investigar mudanças sociais” (FAIRCLOUGH, 2001). É preciso, pois, definir o que compreendemos como discurso.

Segundo Dijk (2008, p.12), “‘o discurso’ não pode ser analisado como um objeto verbal autônomo, mas também como uma interação situada, como uma prática social ou como um tipo de comunicação numa situação social, cultural, histórica ou política”. Entender o discurso como prática social tem implicações. Implica compreendê-lo como um modo de ação, visto que por meio dele os indivíduos podem agir sobre o mundo e uns sobre os outros; e perceber que há uma relação dialética entre o discurso e a estrutura social; isto é, ele colabora para a construção de todas as dimensões da estrutura social e essas mesmas estruturas o moldam e o restringem. Logo, o discurso contribui para a construção das identidades sociais, das relações sociais entre as pessoas, e da construção de sistemas de conhecimento e crença (FAIRCLOUGH, 2001).

Entendemos que só podemos compreender a comunicação verbal, ou o discurso, se pensarmos nas situações concretas de uso da língua que se efetua “em formas de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos” proferidos nas mais diversas situações reais de comunicação; portanto, a língua não pode ser pensada fora de uma situação concreta de utilização. Esses enunciados, ou “unidades de comunicação discursiva”, realizam-se em função das necessidades diárias de comunicação do indivíduo (BAKHTIN, 2003, p.261).

Isso significa que, a cada momento de nossas vidas, dependendo das atividades diversas nas quais estejamos envolvidos, o ato de comunicar, isto é, o momento de interação social no qual estejamos envolvidos, desempenha uma função social em detrimento do papel social que representamos; ou seja, os diferentes momentos dessa interação social se fazem por meio dos gêneros discursivos. Para o pensador russo, as relações sociais - o contexto social em que se dá a enunciação – determinam a estrutura dessa enunciação, isto é, o gênero discursivo a ser utilizado.

Além disso, Bakhtin (1995, p.123) também afirma que todo enunciado pertence a uma cadeia de outros enunciados já proferidos; ou seja, está “sempre orientado em função das intervenções anteriores na mesma esfera de atividade, tanto as do próprio autor como as de outros autores” e sempre demanda uma compreensão responsiva ativa. Assim,

Qualquer enunciação, por mais significativa e completa que seja, constitui apenas uma *fração* de uma corrente de comunicação verbal ininterrupta (concernente à vida cotidiana, à literatura, ao conhecimento, à política, etc.). Mas essa comunicação verbal ininterrupta constitui, por sua vez, apenas um momento na evolução contínua, em todas as direções, de um grupo social determinado. (BAKHTIN, 1995, p.123).

Em suma, essa cadeia na qual o enunciado se encontra implica “antes do seu início, os enunciados de outros; depois do seu término, os enunciados responsivos de outros” (BAKHTIN, 2003, p.275). Considerando essa perspectiva de que qualquer discurso está sempre em responsividade, entendemos a importância da perspectiva da Análise Crítica do Discurso (ou ECD), a qual considera que o discurso pode interferir na história; isto é, a forma de relatar ou tratar um evento pode ter efeitos concretos sobre o evento. Por isso, interessa aos ECD saber como os textos operam, a fim de compreender quais são os possíveis efeitos de sentido que os discursos, sobretudo os políticos e os midiáticos, podem gerar.

Portanto, a fim de percebermos alguns dos possíveis efeitos de sentido gerados pelo discurso do presidente Barack Obama no Cairo e de compreendermos alguns dos recursos que podem colaborar para a organização de um discurso persuasivo, também recorreremos à metodologia de análise da Retórica.

3. RETÓRICA: RECURSOS PARA ANÁLISE DO DISCURSO

Na Grécia antiga era fundamental o domínio da oratória. Havia, nas escolas, disciplinas que ensinavam as artes de dominar as palavras; tais como a eloquência, a gramática e a retórica. Esta última era a responsável por ensinar que o importante não era só falar bem, mas também fazê-lo de modo convincente. Porém, ao longo dos séculos, a retórica se

transformou em “sinônimo de recursos embelezadores do discurso” o que fez com que fosse vista de modo pejorativo (CITELLI, 2007). Assim, sempre que se queria fazer referência um texto “vazio de sentido”, mas rebuscado na forma, dizia-se, e ainda se diz, que era um “discurso retórico”.

Na atualidade, os estudos retóricos retomam o significado da retórica aristotélica e afirmam que a retórica é “a arte de persuadir e de convencer; a técnica da deliberação e da discussão” (PERELMAM; OLBRECHTS-TYTECA, 1996, p.5; MEYER, 2007); hoje nos utilizamos da retórica não para produzirmos discurso, mas sobretudo para interpretá-lo. Várias foram as contribuições da retórica clássica para os estudos da linguagem até hoje; dentre elas, o pensamento de que, para ser eficiente, a argumentação deve ser desenvolvida tendo em vista o auditório. (PERELMAM; OLBRECHTS-TYTECA, 1996; PERELMAM, 2004). Assim, a retórica afirma que o discurso tem três dimensões essenciais e nenhuma delas pode ser privilegiada em detrimento das outras, porque todas são fundamentais: o orador, o auditório e a linguagem – o *ethos*, o *pathos* e o *lógos*. Podemos perceber, conforme afirmado no item anterior, como Bakhtin (2003) retoma essa ideia ao afirmar que o discurso — portanto o estudo dos gêneros discursivos — jamais pode ser considerado fora do seu contexto de produção.

Como não é nosso objetivo abordar todos os aspectos da retórica clássica, apontaremos as distinções relevantes aos nossos objetivos. Uma primeira distinção do sistema retórico clássico é feita em função das quatro partes, ou “tarefas”, não necessariamente cronologicamente ordenadas, as quais representam as fases pelas quais se acredita que um orador passe ao organizar seu discurso (REBOUL, 2004):

- a. a *invenção*: é a busca do orador pelos argumentos e outros meios de persuasão relacionados ao tema do seu discurso tendo em vista seu auditório. Neste momento, o orador configura seu *ethos*, ou seja, “cria” a imagem que quer passar aos seus ouvintes;
- b. a *disposição*: é a organização desses argumentos, ou seja, a estrutura interna do discurso;

c. a *elocução*: é o estilo do discurso. Aqui cabe notar que há uma relação complexa entre forma e conteúdo. É a utilização adequada – em relação à situação de produção do discurso – dos recursos retóricos adequados, ou seja, o emprego das figuras de linguagem.

d. a *ação*: é o ato de proferir o discurso, com todas as suas implicações: gestos, mímicas, sonoridade, isto é, os efeitos da voz – rapidez ou lentidão, entre outros.

Uma segunda distinção que nos é pertinente é feita em relação à *disposição*, isto é, estrutura do texto. Podemos distinguir quatro partes integradas (REBOUL, 2004; MEYER, 2007):

a. o exórdio ou introdução: o início do discurso que nós, na atualidade, denominamos introdução. É o momento de preparação para o que o auditório vai ouvir. Momento importante, porque visa assegurar a fidelidade dos ouvintes. O orador pode iniciar com um assunto, um conselho, uma censura (CITELLI, 2007); tudo dependerá da situação de produção e intenções do orador;

b. a narração: é o momento da exposição do assunto; ou seja, a organização argumentativa do discurso;

c. a confirmação ou argumentação: apresentação dos raciocínios e das provas – os argumentos prós e contras;

d. o epílogo ou conclusão: “a última oportunidade para assegurar a fidelidade do destinatário” (CITELLI, 2007, p. 12); e o momento por excelência em que a afetividade se une à argumentação, o que constitui a alma da retórica” (REBOUL, 2004, p.60).

Uma terceira distinção diz respeito à divisão clássica dos gêneros oratórios a qual se faz tendo em vista a necessidade de adaptar-se ao auditório (REBOUL, 2004, p.45):

- a. judiciário: o auditório é o tribunal e o ato discursivo se faz em função da acusação ou da defesa. Em geral, referem-se ao passado;
- b. deliberativo: o auditório é a Assembleia e o ato discursivo se faz em função das questões relacionadas à cidade. Em geral, referem-se ao futuro;
- c. epidíctico: espectadores os quais assistem discursos diversos (de aparatos, de enterro, etc). Esses discursos são ora de louvor, ora de censura. Em geral, referem-se ao presente.

Embora, na atualidade, esta distinção dos gêneros da retórica clássica não seja mais pertinente em função dos inúmeros gêneros discursivos que permeiam nossas vidas diárias, o maior mérito de Aristóteles foi o de nos mostrar que os discursos poderiam ser classificados em função do auditório e da finalidade (REBOUL, 2004). Além das distinções mencionadas acima, interessa notar também que, em nossos dias, os estudiosos da retórica moderna, em seus estudos analíticos do discurso, enfatizam, sobretudo, os recursos argumentativos e as figuras de linguagem, ou figuras retóricas.

Em nosso trabalho, essas distinções da retórica clássica contribuirão para a compreensão da organização retórica do discurso de Barack Obama. Entretanto, também importa compreender, ainda que de forma breve, um pouco dos conceitos defendidos pela filosofia pragmática de Richard Rorty, como veremos a seguir.

4. A FILOSOFIA PRAGMÁTICA DE RICHARD RORTY E O “IRONISMO”

O pragmatismo de Rorty (2007) considera que as questões práticas relacionadas ao dia a dia da vida do indivíduo ou da comunidade não são para serem pensadas pela Filosofia, religião ou ciência e sim pela arte ou política. Ele rompe com a ideia de ciência como a

reveladora da verdade e defende que a ciência é só mais uma das atividades humanas. Assim, os filósofos que pensam como ele “inventam descrições do mundo que são úteis para o objetivo de prever e controlar o que acontece, assim como os poetas e pensadores políticos inventam outras descrições do mundo para outros fins” (RORTY, 2007, p.26). Dessa forma, rompem com a ideia de que existe uma verdade pré-existente, porque entendem que nada pode pré-existir à linguagem. Isso significa que “o mundo existe, mas não as descrições do mundo. Só as descrições do mundo podem ser verdadeiras ou falsas” (RORTY, 2007, p.28).

Em síntese, Rorty (2005) propõe pensar a filosofia por outro caminho e descartar esse racionalismo herdado do iluminismo por várias razões. Uma delas, que se relaciona diretamente às questões discutidas neste trabalho, é a possibilidade de poder haver uma maior aproximação do Ocidente com o não Ocidente. Ele aponta ainda que a retórica usada pelos ocidentais vai em direção a uma tentativa que “todos” sejam mais parecidos com eles; entretanto, afirma que seria mais adequado se os ocidentais se assumissem mais etnocentristas e menos universalistas. Ele sugere que essa seria uma forma mais adequada de lidar com as distinções e que talvez isso produzisse melhores resultados entre os dois grupos e facilitasse o estabelecimento de um contato mais genuíno e, talvez, assim fosse possível persuadir os não ocidentais da vantagem de se juntar aos ocidentais. Para nós, importa observar o quanto o discurso de Barack Obama proferido no Cairo segue em direção a esses pensamentos do filósofo pragmático, conforme veremos nas análises.

Rorty (2007) define o ironista como alguém para quem, embora os argumentos lógicos sejam importantes, pois contribuem para que possamos expor nossos pensamentos, o vocabulário é a unidade de persuasão e não exatamente as proposições. Assim, o ironista se especializa

em redescrever gamas de objetos e eventos em um jargão parcialmente neologista, na esperança de incitar as pessoas a dotarem e ampliarem esse jargão. O ironista espera que, quando houver terminado de usar as palavras antigas em novos sentidos, para não falar na introdução de

palavras inteiramente novas, as pessoas não mais façam perguntas enunciadas com as palavras antigas. (RORTY, 2007, p.141).

O ironista, por conseguinte, é uma pessoa que enfrenta as contingências de sua linguagem, de suas convicções, de seus desejos, portanto, de sua consciência moral e de sua comunidade. É alguém flexível diante do contexto em que está e capaz de sentir compaixão em relação à dor do outro. Crê ser possível ampliar a idéia de quem nós somos pela sensibilização e não pela racionalidade pura. Em nossas investigações sobre o Discurso de Obama, percebemos que o léxico empregado pelo orador reflete muito do posicionamento pragmático rortiano, conforme veremos a seguir,

5. ANÁLISE DO DISCURSO DE BARACK OBAMA^[5]

De acordo com o enfoque teórico adotado neste artigo, sabemos que uma análise completa do discurso não se limita à análise textual, visto que, em uma abordagem mais disciplinar, é preciso considerar a relação da materialidade textual com o momento da enunciação; ou seja, com toda a situação de produção do discurso: seus contextos social, cultural e histórico; e, além disso, se possível, o processo de produção e recepção desse enunciado, conforme afirma Dijk (1991, p. 111):

a complex analysis of discourse is not limited to “textual” analysis, but also accounts for relations between structures of text and talk, on the one hand, and of their cognitive, social, cultural, or historical “contexts”, on the other hand. Also textual production and comprehension processes, interactions among language users, and the societal or cultural functions of discourse are important objects of research in such a transdisciplinary approach. (DIJK, 1991, p.11)

Neste artigo, em virtude das limitações impostas, embora consideremos também as condições de produção do discurso, nós nos ateremos à materialidade textual e nos concentraremos principalmente naqueles aspectos do Discurso que nos possibilitem compreender como orador constrói o seu *ethos*. Portanto, faremos um breve comentário

sobre orador (o *ethos*) e auditório (o *pathos*) e, em seguida, passaremos ao texto — ao Discurso em si (o *lógos*).

5.1 O ORADOR: BARACK OBAMA

Barack Hussein Obama formou-se em Direito, em 1991, pela Universidade de Harvard, considerada uma das melhores do mundo. Também é formado em Ciências Políticas pela Universidade de Columbia, em Nova York, com especialização em Relações Internacionais. Nesta universidade, fez parte da Organização de Estudantes Negros e lutou contra o *apartheid* na África do Sul. Em Harvard, tornou-se o primeiro presidente afro-americano da *Harvard Law Review*.

Segue fielmente a tradição social da esquerda americana, o Partido Democrata, o mais antigo dos partidos do país, fundado há mais de 200 anos, em 1792, por [Thomas Jefferson](#), um dos chamados "pais fundadores" da [nação americana](#). É considerado um orador eloquente. Conseguiu transformar um discurso político de 40 minutos — sobre raça durante a campanha à presidência — no campeão de audiência do site de vídeos do YouTube por uma semana (DORIA, 2008).

Em novembro de 2008, tornou-se o primeiro presidente negro dos Estados Unidos. Serviu ao Senado estadual de Illinois de 1996 a 2004, antes de ganhar um assento no Senado americano em 2008. É casado e tem duas filhas. É filho de um queniano com uma americana. Quando seus pais se divorciaram, Obama morou na Indonésia, dos 6 aos 10 anos. (PROFILE, 2009). Estudou em escola islâmica e católica. Teve pai e padrasto muçulmanos. Ao tornar-se presidente, foi criticado por não ter experiência em questões internacionais mais tensas, como o papel dos Estados Unidos no Iraque.

Em 2012, Barack Obama foi reeleito para o segundo mandato.

5.2 O AUDITÓRIO

O Discurso histórico que Barack Obama prometeu ao mundo islâmico, quando estava em campanha em 2008, foi proferido dia 4 de junho de 2009, na Universidade do Cairo, capital egípcia. O presidente americano, em vários momentos do Discurso, foi muito ovacionado por uma platéia de aproximadamente 3.000 pessoas. A repercussão foi positiva, embora também tenha recebido críticas. Foi elogiado por citar o Alcorão e enfatizar as ideias de “um novo começo”. Foi criticado por não mencionar quais seriam as ações previstas em relação aos assuntos tratados.

5.3 A ANÁLISE

A partir das considerações teóricas que apresentamos anteriormente, pretendemos analisar o Discurso de Barack Obama, a fim de mostrar como o orador constrói seu *ethos*, por meio de algumas técnicas argumentativas utilizadas. Importa ressaltar que, em decorrência do auditório, não cremos que podemos falar em manipulação discursiva, neste caso, mas sim em retórica de persuasão.

Conforme já afirmamos, a construção do edifício retórico se faz em função de três momentos. O primeiro ocorre principalmente durante o exórdio, quando o orador se mostra ao auditório e tenta conseguir sua adesão para a exposição do assunto e dos argumentos; ou seja, constrói seu *ethos* e prepara os ouvintes para a narração e a confirmação, quando se dá o *lógos* que é o segundo momento. Por fim, o orador conclui pelo *pathos*, no epílogo, quando quer atingir o coração do auditório, agindo sobre seus sentimentos e emoções (MEYER, 2007).

Portanto, junto com a informação, o enunciador de um discurso passa também uma imagem, o *ethos*. Na própria maneira de enunciar, no caso do discurso oralizado, isso pode se evidenciar no tom de voz, na entonação, rapidez ou lentidão do discurso etc. No caso em questão, cabe lembrar que Barack Obama não leu o seu discurso, o que confirma a sua fama de bom orador. Além disso, em qualquer caso – discurso oral ou impresso - a escolha das palavras, dos argumentos e demais estratégias retóricas também contribuem para a formação

desse *ethos*, uma vez que “a maneira de dizer remete a uma maneira de ser” (MAINGUENEAU, 2001,p.99). Assim, por meio de um exame do uso da pessoa verbal, da escolha vocabular, e de sua organização argumentativa, podemos perceber qual é a imagem construída por Obama. Conforme já firmamos, não temos a pretensão de uma investigação exaustiva; verificar todas as imagens presentes aqui ultrapassa a proposta deste artigo. Portanto, para justificar nossas afirmações, escolheremos somente alguns excertos, isto é, não esgotaremos todos os exemplos para cada caso.

Assim, vamos iniciar nossa análise observando a coerência macroestrutural do Discurso do presidente americano, tendo em vista a divisão da retórica clássica: o exórdio, a narração, a confirmação e o epílogo. Delimitadas as partes, vamos comentar o que consideramos relevante em cada uma para o objetivo proposto: observar a construção do *ethos*. Entretanto, vamos nos concentrar principalmente no exórdio.

O **exórdio** ou introdução: vai do parágrafo 1 ao 19 [6], isto é, do início do discurso até a parte em que Barack Obama sinaliza que vai apontar as questões específicas as quais ele define como importantes para serem pensadas junto ao auditório. Esse início caracteriza-se por ser o momento em que o orador precisa chamar atenção do interlocutor para o que será exposto (MEYER, 2007) e construir o seu *ethos* perante o auditório.

Logo no 1º parágrafo, Obama inicia seu Discurso na tentativa de dispor favoravelmente o auditório por meio do uso de figuras retóricas. Dessa forma, ao usar metáforas – beacon e source – e antítese - *tradition and progress* - para louvar o talento do auditório, o presidente assume o *ethos* daquele que é humilde diante da “grandeza” do seu ouvinte. Essa é uma excelente estratégia para assegurar a fidelidade dos ouvintes (REBOUL, 2004), como podemos observar nos recortes a seguir:

(1) [7] *Al-Azhar has stood as a **beacon** of Islamic learning, and for over a century, Cairo University has been a **source** of Egypt's advancement e “Together, you represent the harmony between tradition and progress.*

No 2º parágrafo, em (2), Obama faz uma afirmativa que podemos considerar o cerne do Discurso, visto que a “tensão” a qual se refere é a questão a ser discutida; isto é sobre a qual é necessário dialogar, por isso ele está ali. Entretanto, na sequência, em (3), sem se descuidar da importância de ter a adesão dos ouvintes neste momento, utiliza-se de uma figura de comunhão ao fazer uma alusão a um passado em comum com o Islã e, assim, procura criar uma aproximação ainda maior com o auditório (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 1996), a fim de prepará-lo para os pontos que pretende enfatizar. Embora haja a tentativa de estabelecer essa comunhão, a orientação argumentativa dessa proposição é no sentido de enfatizar a questão central a ser discutida: os conflitos e as guerras, conforme podemos perceber pelo uso do “mas”. Esse operador argumentativo – mas – introduz, de maneira subreptícia, um argumento decisivo (KOCH, 1987). Ele finaliza esse pensamento fazendo uma ressalva, em (4), ao apontar o “colonialismo”, a Guerra fria”, a “modernidade” e a “globalização” como causas prováveis de o Islã guardar hostilidades em relação ao Ocidente. Podemos perceber aqui, com a ressalva, o retorno à continuação do movimento de adesão dos ouvintes. Vejamos os excertos que esclarecem o exposto:

(2) We meet at a time of tension between the United States and Muslims around the world - tension rooted in historical forces that go beyond any current policy debate.

(3) The relationship between Islam and the West includes centuries of co-existence and cooperation, but also conflict and religious wars.

(4) More recently, tension has been fed by colonialism that denied rights and opportunities to many Muslims, and a Cold War in which Muslim-majority countries were too often treated as proxies without regard to their own aspirations. Moreover, the sweeping change brought by modernity and globalization led many Muslims to view the West as hostile to the traditions of Islam.

Em relação ainda ao (4), importa refletir sobre o que nos parece estar pressuposto nessa última afirmação do presidente: as mudanças trazidas pela modernidade e globalização seriam características principalmente ocidentais.

No 3º parágrafo, ao referir-se aos “extremistas violentos”, Obama deixa pressuposto que Ocidente e Islã têm um “inimigo” em comum e que, portanto, não são inimigos um do outro. Assim, ele enfatiza que a “minoridade muçulmana extremista” é responsável pelo agravamento das tensões existentes e atribui a essa minoria toda a culpa pela imagem negativa que os americanos fazem do Islã. Nos momentos em que o presidente refere-se aos extremistas, sempre faz uso da 3ª pessoa – o “eles” – o que provoca um efeito de distanciamento. É o que se pode inferir em:

5) Violent extremists have exploited these tensions in a small but potent minority of Muslims. The attacks of September 11th, 2001 and the continued efforts of these extremists to engage in violence against civilians has led some in my country to view Islam as inevitably hostile not only to America and Western countries, but also to human rights. This has bred more fear and mistrust.

Em (5), podemos notar que o movimento argumentativo de Obama continua a ser no sentido aproximação do auditório, mas também parece querer tentar evitar que os ouvintes possam considerar qual é a parcela de responsabilidade dos próprios americanos pela formação dessa imagem negativa. Dessa forma, a fim de justificar sua assertiva inicial, ele finaliza esse movimento citando um fato, usado aqui como um argumento irrefutável, que criou comoção mundial, o atentado de 11 de setembro, e deixa explícito que a prática desse “inimigo” não atinge só os Americanos e o Ocidente, mas coloca em risco “os direitos humanos”.

Em relação ao uso da pessoa verbal, podemos notar que, não só na introdução, mas também ao longo de todo o Discurso, o presidente usa a 1ª pessoa em vários momentos. Os efeitos de sentido criados pelo uso da 1ª pessoa podem ser muitos; vamos elencar alguns que percebemos. Por exemplo, nos excertos (6), (7), (8) e (9), emerge a imagem do presidente que reconhece o seu valor, suas crenças, suas experiências, portanto, tem convicção de suas afirmações. Em em (10), a imagem que se faz presente é de alguém que não fala de “um outro lugar”, fala com a propriedade de quem experienciou o que está asseverando. Vejamos:

(6) I do so recognizing that change cannot happen overnight . (¶ 7)

(7) *As a student of history, I also know civilization's debt to Islam. . (¶ 9)*

(8) *I also know that Islam has always been a part of America's story. (¶ 10)*

(9) *So I have known Islam on three continents before coming to the region where it was first revealed. That experience guides my conviction that partnership between America and Islam must be based on what Islam is, not what it isn't. (¶ 11)*

(10) *Part of this conviction is rooted in my own experience. I am a Christian, but my father came from a Kenyan family that includes generations of Muslims. As a boy, I spent several years in Indonesia and heard the call of the azaan at the break of dawn and the fall of dusk. As a young man, I worked in Chicago communities where many found dignity and peace in their Muslim faith. (¶ 8)*

Já em excertos como (11) e (12) o efeito de sentido que se cria é a do presidente “imperialista” que tem o poder e o “dever” de “salvar”, de “resolver” todos os problemas, não só do seu país, mas do mundo. É o que é possível inferir em :

(11) *I have come here to seek a new beginning between the United States and Muslims around the world [...]. (¶ 6)*

(12) *And I consider it part of my responsibility as President of the United States to fight against negative stereotypes of Islam wherever they appear. (¶ 11)*

(13) *And it is my first duty as President to protect the American people. (¶ 21)*

Ao longo de todo o exórdio, principalmente, e também marcadamente durante a narração e confirmação, ao fazer uso das cadeias referenciais [8] mencionadas abaixo, Obama nos revela a imagem de um presidente americano que se mostra preocupado com uma nova forma de pensar os direitos humanos e de construir uma sociedade mais tolerante à diversidade e mais justa. Um “mundo” em que impere uma maior lealdade de um indivíduo para com os outros, não só da sua comunidade, mas da humanidade toda; isto é, uma sociedade em que a justiça seja vista como uma “forma de lealdade ampliada” (RORTY, 2005). Podemos evidenciar isso em:

(14) *[...] but also to human rights (¶ 3)*

(15) *[...] all of our people achieve justice and prosperity. (¶ 5)*

(16) [...] *firm in my belief that the interests we share **as human beings are far more powerful than the forces that drive us apart.*** (¶ 7)

Dessa forma, podemos perceber que existe uma preocupação de pontuar a necessidade de que Ocidente e Islã passem a colocar-se um no lugar do outro. Nesse movimento, é possível identificar um engajamento do orador com a filosofia pragmática de Rorty (2007) o qual afirma que “esse processo de passar a ver os outros seres humanos como ‘um de nós’, e não como ‘eles’, é uma questão de descrição detalhada de como são as pessoas desconhecidas e de redefinição de quem somos nós mesmos”. Parece que é isso mesmo que Obama tenciona fazer ao longo do seu Discurso ao deixar pressuposto, em muitos momentos, a necessidade de Ocidente e não Ocidente se pensarem de outra maneira. Isso é possível de perceber em (17), (18), (19), (20) e (21):

(17) *There must be a sustained effort to listen to each other; to learn from each other; to respect one another; and to seek common ground. [...]As the Holy Koran tells us, "Be conscious of God and speak always the truth." That is what I will try to do - to speak the truth as best I can, humbled by the task before us, and firm **in my belief that the interests we share as human beings are far more powerful than the forces that drive us apart.*** (¶ 7)

(18) *And I believe that America holds within her the truth that regardless of race, religion, or station in life, **all of us share common aspirations** - to live in peace and security; to get an education and to work with dignity; to love our families, our communities, and our God. These things we share. **This is the hope of all humanity.*** (¶ 15)

(19) *Of course, recognizing **our common humanity** is only the beginning of our task";* (¶ 16)

(20) *That is what it means to share this world in the 21st century. **That is the responsibility we have to one another as human beings.*** (¶ 17)

(21) *Those are not just American ideas, **they are human rights**, and that is why we will support them everywhere.* (¶ 49)

Além disso, ele também ressalta, em vários momentos, que, embora Ocidente e Islã tenham divergências, é possível “concordar em divergir” (RORTY, 2005) e, assim, haver uma convivência pacífica apesar das diferenças. Entretanto, também é bem enfático ao dizer que,

em relação àqueles como os quais não é mais possível estabelecer nenhuma forma de consenso, com quem não é possível o diálogo racional, outras formas de funcionamento deverão ser postas em prática, ainda que isso envolva a ameaça ou o uso da força. Isso também nos parece bem de acordo com a posição pragmática de Rorty (2005) e com a posição do imperialismo americano.

Essa imagem do “ironista liberal”; ou seja, aquele que tem a solidariedade humana como objetivo a ser alcançado, perpassa todo o discurso e também é retomada no epílogo. Se por um lado, esse movimento possa ter sido feito, sobretudo, como uma tentativa de apagar a imagem de seu antecessor; por outro lado, em virtude de sua história pessoal e política, pode revelar um engajamento real, ainda que perpassado pelas contingências as quais, todos, estamos submetidos.

Cabe ressaltar ainda que Barack Obama, desde o início de seu Discurso, repete, várias vezes, expressões que evidenciam a necessidade de pensar de uma forma diferente as relações entre Ocidente e Oriente islâmico, a partir do que ele denomina de uma “nova era”. Assim, a imagem que emerge ao examinarmos (22), (23), (24) e (25) parece-nos ainda em consonância com o pensamento de Rorty (2005, 2007) de que é necessário um novo vocabulário para se pensar essas relações. Vejamos:

(22) *I have come here to seek **a new beginning between the United States and Muslims around the world** [...]. (¶ 6)*

(23) *Yet **in this new age**, such attitudes are self-defeating. (¶ 6)*

(24) ***Rather than remain trapped in the past**, I have made it clear to Iran's leaders and people that my country is prepared to move forward. The question, now, is not what Iran is against, **but rather what future it wants to build.** (¶ 44)*

(25) *But if we choose to be bound by the past, we will never move forward. And I want to particularly say this to young people of every faith, in every country - you, more than anyone, **have the ability to remake this world.** (¶ 71)*

Terminado o exórdio, Barack Obama inicia a narração e a confirmação. Entendemos que essa parte vai do parágrafo 20 ao 68. De forma muito bem organizada, o presidente enumera sete assuntos sobre os quais vai discutir. Interessa notar que a organização argumentativa, isto é, a ordem dos argumentos expostos, já é em si um recurso retórico. São eles: o extremismo violento, a questão entre israelenses, palestinos e árabes; as armas nucleares; a democracia; a liberdade religiosa; o direito das mulheres; e o desenvolvimento econômico e as oportunidades. Durante toda essa parte, Obama continua seu movimento argumentativo em direção à idéia de Ocidente e Oriente islâmico se unirem para repensarem suas relações com um foco no futuro. Em seguida, ele finaliza o discurso, no epílogo, que vai do parágrafo 69 até o final, reforçando ainda essa perspectiva de união para repensar o porvir.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sabemos que um gênero discursivo, como o discurso político, pode ter diferentes perspectivas de análise. Neste artigo, focamos a questão do *ethos*, que ainda poderia ser muito explorada a partir de vários outros pontos de entrada, com um foco, por exemplo, mais atento ao desenvolvimento do discurso de Barack Obama; ou seja, a narração e a confirmação. Entretanto, reiteramos que ultrapassa as possibilidades deste trabalho fazer um exame detalhado de todas as possíveis abordagens de análise. Esperamos, no entanto, ter conseguido evidenciar a importância de se olhar para os discursos midiáticos de uma forma mais crítica, sobretudo o político, a fim de observarmos como a construção discursiva, isto é, a organização argumentativa, produz os efeitos discursivos desejados pelo orador a fim de convencer seus ouvintes.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 7. ed. São Paulo: Hucitec, 1995.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

CITELLI, A. O. *Linguagem e Persuasão*. 16.ed. São Paulo, 2007.

DIJK, T. V. *Discurso e Poder*. São Paulo: Contexto, 2008.

_____. A Handbook of Qualitative Methodologies for Mass Communication Research. Edit. Klaus Bruhn Jensen e Nicholas W. Jankowski. London: Routledge, 1991.

DORIA, Pedro. *Obama, um inventor de si mesmo*. Disponível em: <<http://www.estado.com.br/suplementos/ali/2008/06/08/ali-1.93.19.20080608.7.1.xml>>. Acesso em: 30 jun. 2010.

FAIRCLOUGH, N. *Discurso e Mudança Social*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

KOCH, I.G.V. *Argumentação e Linguagem*. 2.ed. São Paulo: Editora Cortez, 2008.

KOCK, I.V.; ELIAS, V.M. *Ler e Escrever: estratégias de produção textual*. São Paulo: Contexto, 2009.

MAINGUENEAU, D. *Análise de textos de Comunicação*. São Paulo: Editora Cortez, 2001.

MEYER, M. *A retórica*. São Paulo: Àtica, 2007.

PERELMAN, C; OLBRECHTS- TYTECA, L. *Tratado da Argumentação*.: a Nova Retórica São Paulo: Martins Fontes, 1996.

_____. *Retóricas*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

PROFILE: *Barack Obama*. 2009. Disponível em: <<http://news.bbc.co.uk/2/hi/americas/3936013.stm>>. Acesso em 30 jun. 2010.

REBOUL, O. *Introdução à Retórica*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

RORTY, R. *Pragmatismo e Política*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

RORTY, R. *Contingência, ironia e solidariedade*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

VATTIMO, Gianni. *A sociedade transparente*. Lisboa: relógio d'Água, 1992. p.15-26.

Maria do Carmo Souza de ALMEIDA

Mestre em Linguística Aplicada pela Universidade de Taubaté (UNITAU) e doutoranda em Ciências da Comunicação na ECA/USP. Professora da Universidade de Taubaté. e-mail: maria.almeida@unitau.com.br.

Eveline Mattos Tápias OLIVEIRA

Doutora em Linguística Aplicada pela Universidade de Campinas (UNICAMP). Professora da Universidade de Taubaté. e-mail: evezeberto.tapias@unitau.com.br

Vera Lúcia Batalha de Siqueira RENDA

Doutora em Letras, em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa, pela Universidade de São Paulo (USP). Professora da Universidade de Taubaté. e-mail: vera.renda@unitau.com.br

ANEXO

Below, the full text of President Obama's speech in Cairo, Egypt, titled "**A New Beginning.**"

1. I am honored to be in the timeless city of Cairo, and to be hosted by two remarkable institutions. For over a thousand years, Al-Azhar has stood as a beacon of Islamic learning, and for over a century, Cairo University has been a source of Egypt's advancement. Together, you represent the harmony between tradition and progress. I am grateful for your hospitality, and the hospitality of the people of Egypt. I am also proud to carry with me the goodwill of the American people, and a greeting of peace from Muslim communities in my country: assalaamu alaykum.

2. We meet at a time of tension between the United States and Muslims around the world - tension rooted in historical forces that go beyond any current policy debate. The relationship between Islam and the West includes centuries of co-existence and cooperation, but also conflict and religious wars. More recently, tension has been fed by colonialism that denied rights and opportunities to many Muslims, and a Cold War in which Muslim-majority countries were too often treated as proxies without regard to their own aspirations. Moreover, the sweeping change brought by modernity and globalization led many Muslims to view the West as hostile to the traditions of Islam.

3. Violent extremists have exploited these tensions in a small but potent minority of Muslims. The attacks of September 11th, 2001 and the continued efforts of these extremists to engage in violence against civilians has led some in my country to view Islam as inevitably hostile not only to America and Western countries, but also to human rights. This has bred more fear and mistrust.

4. Story continues below

5. So long as our relationship is defined by our differences, we will empower those who sow hatred rather than peace, and who promote conflict rather than the cooperation that can help all of our people achieve justice and prosperity. This cycle of suspicion and discord must end.

6. I have come here to seek a new beginning between the United States and Muslims around the world; one based upon mutual interest and mutual respect; and one based upon the truth that America and Islam are not exclusive, and need not be in competition. Instead, they overlap, and share common principles - principles of justice and progress; tolerance and the dignity of all human beings.

7. I do so recognizing that change cannot happen overnight. No single speech can eradicate years of mistrust, nor can I answer in the time that I have all the complex questions that brought us to this point. But I am convinced that in order to move forward, we must say openly the things we hold in our hearts, and that too often are said only behind closed doors. There must be a sustained effort to listen to each other; to learn from each other; to respect one another; and to seek common ground. As the Holy Koran tells us, "Be conscious of God and speak always the truth." That is what I will try to do - to speak the truth as best I can, humbled by the task before us, and firm in my belief that the interests we share as human beings are far more powerful than the forces that drive us apart.

8. Part of this conviction is rooted in my own experience. I am a Christian, but my father came from a Kenyan family that includes generations of Muslims. As a boy, I spent several years in Indonesia and heard the call of the azaan at the break of dawn and the fall of dusk. As a young man, I worked in Chicago communities where many found dignity and peace in their Muslim faith.

9. As a student of history, I also know civilization's debt to Islam. It was Islam - at places like Al-Azhar University - that carried the light of learning through so many centuries, paving the way for Europe's Renaissance and Enlightenment. It was innovation in Muslim communities that developed the order of

algebra; our magnetic compass and tools of navigation; our mastery of pens and printing; our understanding of how disease spreads and how it can be healed. Islamic culture has given us majestic arches and soaring spires; timeless poetry and cherished music; elegant calligraphy and places of peaceful contemplation. And throughout history, Islam has demonstrated through words and deeds the possibilities of religious tolerance and racial equality.

10. I also know that Islam has always been a part of America's story. The first nation to recognize my country was Morocco. In signing the Treaty of Tripoli in 1796, our second President John Adams wrote, "The United States has in itself no character of enmity against the laws, religion or tranquility of Muslims." And since our founding, American Muslims have enriched the United States. They have fought in our wars, served in government, stood for civil rights, started businesses, taught at our Universities, excelled in our sports arenas, won Nobel Prizes, built our tallest building, and lit the Olympic Torch. And when the first Muslim-American was recently elected to Congress, he took the oath to defend our Constitution using the same Holy Koran that one of our Founding Fathers - Thomas Jefferson - kept in his personal library.

11. So I have known Islam on three continents before coming to the region where it was first revealed. That experience guides my conviction that partnership between America and Islam must be based on what Islam is, not what it isn't. And I consider it part of my responsibility as President of the United States to fight against negative stereotypes of Islam wherever they appear.

12. But that same principle must apply to Muslim perceptions of America. Just as Muslims do not fit a crude stereotype, America is not the crude stereotype of a self-interested empire. The United States has been one of the greatest sources of progress that the world has ever known. We were born out of revolution against an empire. We were founded upon the ideal that all are created equal, and we have shed blood and struggled for centuries to give meaning to those words - within our borders, and around the world. We are shaped by every culture, drawn from every end of the Earth, and dedicated to a simple concept: E pluribus unum: "Out of many, one."

13. Much has been made of the fact that an African-American with the name Barack Hussein Obama could be elected President. But my personal story is not so unique. The dream of opportunity for all people has not come true for everyone in America, but its promise exists for all who come to our shores - that includes nearly seven million American Muslims in our country today who enjoy incomes and education that are higher than average.

14. Moreover, freedom in America is indivisible from the freedom to practice one's religion. That is why there is a mosque in every state of our union, and over 1,200 mosques within our borders. That is why the U.S. government has gone to court to protect the right of women and girls to wear the hijab, and to punish those who would deny it.

15. So let there be no doubt: Islam is a part of America. And I believe that America holds within her the truth that regardless of race, religion, or station in life, all of us share common aspirations - to live in peace and security; to get an education and to work with dignity; to love our families, our communities, and our God. These things we share. This is the hope of all humanity.

16. Of course, recognizing our common humanity is only the beginning of our task. Words alone cannot meet the needs of our people. These needs will be met only if we act boldly in the years ahead; and if we understand that the challenges we face are shared, and our failure to meet them will hurt us all.

17. For we have learned from recent experience that when a financial system weakens in one country, prosperity is hurt everywhere. When a new flu infects one human being, all are at risk. When one nation pursues a nuclear weapon, the risk of nuclear attack rises for all nations. When violent extremists

operate in one stretch of mountains, people are endangered across an ocean. And when innocents in Bosnia and Darfur are slaughtered, that is a stain on our collective conscience. That is what it means to share this world in the 21st century. That is the responsibility we have to one another as human beings.

18. This is a difficult responsibility to embrace. For human history has often been a record of nations and tribes subjugating one another to serve their own interests. Yet in this new age, such attitudes are self-defeating. Given our interdependence, any world order that elevates one nation or group of people over another will inevitably fail. So whatever we think of the past, we must not be prisoners of it. Our problems must be dealt with through partnership; progress must be shared.

19. That does not mean we should ignore sources of tension. Indeed, it suggests the opposite: we must face these tensions squarely. And so in that spirit, let me speak as clearly and plainly as I can about some specific issues that I believe we must finally confront together.

20. The first issue that we have to confront is violent extremism in all of its forms.

21. In Ankara, I made clear that America is not - and never will be - at war with Islam. We will, however, relentlessly confront violent extremists who pose a grave threat to our security. Because we reject the same thing that people of all faiths reject: the killing of innocent men, women, and children. And it is my first duty as President to protect the American people.

22. The situation in Afghanistan demonstrates America's goals, and our need to work together. Over seven years ago, the United States pursued al Qaeda and the Taliban with broad international support. We did not go by choice, we went because of necessity. I am aware that some question or justify the events of 9/11. But let us be clear: al Qaeda killed nearly 3,000 people on that day. The victims were innocent men, women and children from America and many other nations who had done nothing to harm anybody. And yet Al Qaeda chose to ruthlessly murder these people, claimed credit for the attack, and even now states their determination to kill on a massive scale. They have affiliates in many countries and are trying to expand their reach. These are not opinions to be debated; these are facts to be dealt with.

23. Make no mistake: we do not want to keep our troops in Afghanistan. We seek no military bases there. It is agonizing for America to lose our young men and women. It is costly and politically difficult to continue this conflict. We would gladly bring every single one of our troops home if we could be confident that there were not violent extremists in Afghanistan and Pakistan determined to kill as many Americans as they possibly can. But that is not yet the case.

24. That's why we're partnering with a coalition of forty-six countries. And despite the costs involved, America's commitment will not weaken. Indeed, none of us should tolerate these extremists. They have killed in many countries. They have killed people of different faiths - more than any other, they have killed Muslims. Their actions are irreconcilable with the rights of human beings, the progress of nations, and with Islam. The Holy Koran teaches that whoever kills an innocent, it is as if he has killed all mankind; and whoever saves a person, it is as if he has saved all mankind. The enduring faith of over a billion people is so much bigger than the narrow hatred of a few. Islam is not part of the problem in combating violent extremism - it is an important part of promoting peace.

25. We also know that military power alone is not going to solve the problems in Afghanistan and Pakistan. That is why we plan to invest \$1.5 billion each year over the next five years to partner with Pakistanis to build schools and hospitals, roads and businesses, and hundreds of millions to help those who have been displaced. And that is why we are providing more than \$2.8 billion to help Afghans develop their economy and deliver services that people depend upon.

26. Let me also address the issue of Iraq. Unlike Afghanistan, Iraq was a war of choice that provoked strong differences in my country and around the world. Although I believe that the Iraqi people are ultimately better off without the tyranny of Saddam Hussein, I also believe that events in Iraq have reminded America of the need to use diplomacy and build international consensus to resolve our problems whenever possible. Indeed, we can recall the words of Thomas Jefferson, who said: "I hope that our wisdom will grow with our power, and teach us that the less we use our power the greater it will be."

27. Today, America has a dual responsibility: to help Iraq forge a better future - and to leave Iraq to Iraqis. I have made it clear to the Iraqi people that we pursue no bases, and no claim on their territory or resources. Iraq's sovereignty is its own. That is why I ordered the removal of our combat brigades by next August. That is why we will honor our agreement with Iraq's democratically-elected government to remove combat troops from Iraqi cities by July, and to remove all our troops from Iraq by 2012. We will help Iraq train its Security Forces and develop its economy. But we will support a secure and united Iraq as a partner, and never as a patron.

28. And finally, just as America can never tolerate violence by extremists, we must never alter our principles. 9/11 was an enormous trauma to our country. The fear and anger that it provoked was understandable, but in some cases, it led us to act contrary to our ideals. We are taking concrete actions to change course. I have unequivocally prohibited the use of torture by the United States, and I have ordered the prison at Guantanamo Bay closed by early next year.

29. So America will defend itself respectfully of the sovereignty of nations and the rule of law. And we will do so in partnership with Muslim communities which are also threatened. The sooner the extremists are isolated and unwelcome in Muslim communities, the sooner we will all be safer.

30. The second major source of tension that we need to discuss is the situation between Israelis, Palestinians and the Arab world.

31. America's strong bonds with Israel are well known. This bond is unbreakable. It is based upon cultural and historical ties, and the recognition that the aspiration for a Jewish homeland is rooted in a tragic history that cannot be denied.

32. Around the world, the Jewish people were persecuted for centuries, and anti-Semitism in Europe culminated in an unprecedented Holocaust. Tomorrow, I will visit Buchenwald, which was part of a network of camps where Jews were enslaved, tortured, shot and gassed to death by the Third Reich. Six million Jews were killed - more than the entire Jewish population of Israel today. Denying that fact is baseless, ignorant, and hateful. Threatening Israel with destruction - or repeating vile stereotypes about Jews - is deeply wrong, and only serves to evoke in the minds of Israelis this most painful of memories while preventing the peace that the people of this region deserve.

33. On the other hand, it is also undeniable that the Palestinian people - Muslims and Christians - have suffered in pursuit of a homeland. For more than sixty years they have endured the pain of dislocation. Many wait in refugee camps in the West Bank, Gaza, and neighboring lands for a life of peace and security that they have never been able to lead. They endure the daily humiliations - large and small - that come with occupation. So let there be no doubt: the situation for the Palestinian people is intolerable. America will not turn our backs on the legitimate Palestinian aspiration for dignity, opportunity, and a state of their own.

34. For decades, there has been a stalemate: two peoples with legitimate aspirations, each with a painful history that makes compromise elusive. It is easy to point fingers - for Palestinians to point to the displacement brought by Israel's founding, and for Israelis to point to the constant hostility and attacks

throughout its history from within its borders as well as beyond. But if we see this conflict only from one side or the other, then we will be blind to the truth: the only resolution is for the aspirations of both sides to be met through two states, where Israelis and Palestinians each live in peace and security.

35. That is in Israel's interest, Palestine's interest, America's interest, and the world's interest. That is why I intend to personally pursue this outcome with all the patience that the task requires. The obligations that the parties have agreed to under the Road Map are clear. For peace to come, it is time for them - and all of us - to live up to our responsibilities.

36. Palestinians must abandon violence. Resistance through violence and killing is wrong and does not succeed. For centuries, black people in America suffered the lash of the whip as slaves and the humiliation of segregation. But it was not violence that won full and equal rights. It was a peaceful and determined insistence upon the ideals at the center of America's founding. This same story can be told by people from South Africa to South Asia; from Eastern Europe to Indonesia. It's a story with a simple truth: that violence is a dead end. It is a sign of neither courage nor power to shoot rockets at sleeping children, or to blow up old women on a bus. That is not how moral authority is claimed; that is how it is surrendered.

37. Now is the time for Palestinians to focus on what they can build. The Palestinian Authority must develop its capacity to govern, with institutions that serve the needs of its people. Hamas does have support among some Palestinians, but they also have responsibilities. To play a role in fulfilling Palestinian aspirations, and to unify the Palestinian people, Hamas must put an end to violence, recognize past agreements, and recognize Israel's right to exist.

38. At the same time, Israelis must acknowledge that just as Israel's right to exist cannot be denied, neither can Palestine's. The United States does not accept the legitimacy of continued Israeli settlements. This construction violates previous agreements and undermines efforts to achieve peace. It is time for these settlements to stop.

39. Israel must also live up to its obligations to ensure that Palestinians can live, and work, and develop their society. And just as it devastates Palestinian families, the continuing humanitarian crisis in Gaza does not serve Israel's security; neither does the continuing lack of opportunity in the West Bank. Progress in the daily lives of the Palestinian people must be part of a road to peace, and Israel must take concrete steps to enable such progress.

40. Finally, the Arab States must recognize that the Arab Peace Initiative was an important beginning, but not the end of their responsibilities. The Arab-Israeli conflict should no longer be used to distract the people of Arab nations from other problems. Instead, it must be a cause for action to help the Palestinian people develop the institutions that will sustain their state; to recognize Israel's legitimacy; and to choose progress over a self-defeating focus on the past.

41. America will align our policies with those who pursue peace, and say in public what we say in private to Israelis and Palestinians and Arabs. We cannot impose peace. But privately, many Muslims recognize that Israel will not go away. Likewise, many Israelis recognize the need for a Palestinian state. It is time for us to act on what everyone knows to be true.

42. Too many tears have flowed. Too much blood has been shed. All of us have a responsibility to work for the day when the mothers of Israelis and Palestinians can see their children grow up without fear; when the Holy Land of three great faiths is the place of peace that God intended it to be; when Jerusalem is a secure and lasting home for Jews and Christians and Muslims, and a place for all of the children of Abraham to mingle peacefully together as in the story of Isra, when Moses, Jesus, and Mohammed (peace be upon them) joined in prayer.

43. The third source of tension is our shared interest in the rights and responsibilities of nations on nuclear weapons.

44. This issue has been a source of tension between the United States and the Islamic Republic of Iran. For many years, Iran has defined itself in part by its opposition to my country, and there is indeed a tumultuous history between us. In the middle of the Cold War, the United States played a role in the overthrow of a democratically-elected Iranian government. Since the Islamic Revolution, Iran has played a role in acts of hostage-taking and violence against U.S. troops and civilians. This history is well known. Rather than remain trapped in the past, I have made it clear to Iran's leaders and people that my country is prepared to move forward. The question, now, is not what Iran is against, but rather what future it wants to build.

45. It will be hard to overcome decades of mistrust, but we will proceed with courage, rectitude and resolve. There will be many issues to discuss between our two countries, and we are willing to move forward without preconditions on the basis of mutual respect. But it is clear to all concerned that when it comes to nuclear weapons, we have reached a decisive point. This is not simply about America's interests. It is about preventing a nuclear arms race in the Middle East that could lead this region and the world down a hugely dangerous path.

46. I understand those who protest that some countries have weapons that others do not. No single nation should pick and choose which nations hold nuclear weapons. That is why I strongly reaffirmed America's commitment to seek a world in which no nations hold nuclear weapons. And any nation - including Iran - should have the right to access peaceful nuclear power if it complies with its responsibilities under the nuclear Non-Proliferation Treaty. That commitment is at the core of the Treaty, and it must be kept for all who fully abide by it. And I am hopeful that all countries in the region can share in this goal.

47. The fourth issue that I will address is democracy.

48. I know there has been controversy about the promotion of democracy in recent years, and much of this controversy is connected to the war in Iraq. So let me be clear: no system of government can or should be imposed upon one nation by any other.

49. That does not lessen my commitment, however, to governments that reflect the will of the people. Each nation gives life to this principle in its own way, grounded in the traditions of its own people. America does not presume to know what is best for everyone, just as we would not presume to pick the outcome of a peaceful election. But I do have an unyielding belief that all people yearn for certain things: the ability to speak your mind and have a say in how you are governed; confidence in the rule of law and the equal administration of justice; government that is transparent and doesn't steal from the people; the freedom to live as you choose. Those are not just American ideas, they are human rights, and that is why we will support them everywhere.

50. There is no straight line to realize this promise. But this much is clear: governments that protect these rights are ultimately more stable, successful and secure. Suppressing ideas never succeeds in making them go away. America respects the right of all peaceful and law-abiding voices to be heard around the world, even if we disagree with them. And we will welcome all elected, peaceful governments - provided they govern with respect for all their people.

51. This last point is important because there are some who advocate for democracy only when they are out of power; once in power, they are ruthless in suppressing the rights of others. No matter where it takes hold, government of the people and by the people sets a single standard for all who hold power: you must maintain your power through consent, not coercion; you must respect the rights of minorities,

and participate with a spirit of tolerance and compromise; you must place the interests of your people and the legitimate workings of the political process above your party. Without these ingredients, elections alone do not make true democracy.

52.The fifth issue that we must address together is religious freedom.

53.Islam has a proud tradition of tolerance. We see it in the history of Andalusia and Cordoba during the Inquisition. I saw it firsthand as a child in Indonesia, where devout Christians worshiped freely in an overwhelmingly Muslim country. That is the spirit we need today. People in every country should be free to choose and live their faith based upon the persuasion of the mind, heart, and soul. This tolerance is essential for religion to thrive, but it is being challenged in many different ways.

54.Among some Muslims, there is a disturbing tendency to measure one's own faith by the rejection of another's. The richness of religious diversity must be upheld - whether it is for Maronites in Lebanon or the Copts in Egypt. And fault lines must be closed among Muslims as well, as the divisions between Sunni and Shia have led to tragic violence, particularly in Iraq.

55.Freedom of religion is central to the ability of peoples to live together. We must always examine the ways in which we protect it. For instance, in the United States, rules on charitable giving have made it harder for Muslims to fulfill their religious obligation. That is why I am committed to working with American Muslims to ensure that they can fulfill zakat.

56.Likewise, it is important for Western countries to avoid impeding Muslim citizens from practicing religion as they see fit - for instance, by dictating what clothes a Muslim woman should wear. We cannot disguise hostility towards any religion behind the pretence of liberalism.

57.Indeed, faith should bring us together. That is why we are forging service projects in America that bring together Christians, Muslims, and Jews. That is why we welcome efforts like Saudi Arabian King Abdullah's Interfaith dialogue and Turkey's leadership in the Alliance of Civilizations. Around the world, we can turn dialogue into Interfaith service, so bridges between peoples lead to action - whether it is combating malaria in Africa, or providing relief after a natural disaster.

58.The sixth issue that I want to address is women's rights.

59.I know there is debate about this issue. I reject the view of some in the West that a woman who chooses to cover her hair is somehow less equal, but I do believe that a woman who is denied an education is denied equality. And it is no coincidence that countries where women are well-educated are far more likely to be prosperous.

60.Now let me be clear: issues of women's equality are by no means simply an issue for Islam. In Turkey, Pakistan, Bangladesh and Indonesia, we have seen Muslim-majority countries elect a woman to lead. Meanwhile, the struggle for women's equality continues in many aspects of American life, and in countries around the world.

61.Our daughters can contribute just as much to society as our sons, and our common prosperity will be advanced by allowing all humanity - men and women - to reach their full potential. I do not believe that women must make the same choices as men in order to be equal, and I respect those women who choose to live their lives in traditional roles. But it should be their choice. That is why the United States will partner with any Muslim-majority country to support expanded literacy for girls, and to help young women pursue employment through micro-financing that helps people live their dreams.

62.Finally, I want to discuss economic development and opportunity.

63.I know that for many, the face of globalization is contradictory. The Internet and television can bring knowledge and information, but also offensive sexuality and mindless violence. Trade can bring new wealth and opportunities, but also huge disruptions and changing communities. In all nations - including

my own - this change can bring fear. Fear that because of modernity we will lose of control over our economic choices, our politics, and most importantly our identities - those things we most cherish about our communities, our families, our traditions, and our faith.

64. But I also know that human progress cannot be denied. There need not be contradiction between development and tradition. Countries like Japan and South Korea grew their economies while maintaining distinct cultures. The same is true for the astonishing progress within Muslim-majority countries from Kuala Lumpur to Dubai. In ancient times and in our times, Muslim communities have been at the forefront of innovation and education.

65. This is important because no development strategy can be based only upon what comes out of the ground, nor can it be sustained while young people are out of work. Many Gulf States have enjoyed great wealth as a consequence of oil, and some are beginning to focus it on broader development. But all of us must recognize that education and innovation will be the currency of the 21st century, and in too many Muslim communities there remains underinvestment in these areas. I am emphasizing such investments within my country. And while America in the past has focused on oil and gas in this part of the world, we now seek a broader engagement.

66. On education, we will expand exchange programs, and increase scholarships, like the one that brought my father to America, while encouraging more Americans to study in Muslim communities. And we will match promising Muslim students with internships in America; invest in on-line learning for teachers and children around the world; and create a new online network, so a teenager in Kansas can communicate instantly with a teenager in Cairo.

67. On economic development, we will create a new corps of business volunteers to partner with counterparts in Muslim-majority countries. And I will host a Summit on Entrepreneurship this year to identify how we can deepen ties between business leaders, foundations and social entrepreneurs in the United States and Muslim communities around the world.

68. On science and technology, we will launch a new fund to support technological development in Muslim-majority countries, and to help transfer ideas to the marketplace so they can create jobs. We will open centers of scientific excellence in Africa, the Middle East and Southeast Asia, and appoint new Science Envoys to collaborate on programs that develop new sources of energy, create green jobs, digitize records, clean water, and grow new crops. And today I am announcing a new global effort with the Organization of the Islamic Conference to eradicate polio. And we will also expand partnerships with Muslim communities to promote child and maternal health.

69. All these things must be done in partnership. Americans are ready to join with citizens and governments; community organizations, religious leaders, and businesses in Muslim communities around the world to help our people pursue a better life.

70. The issues that I have described will not be easy to address. But we have a responsibility to join together on behalf of the world we seek - a world where extremists no longer threaten our people, and American troops have come home; a world where Israelis and Palestinians are each secure in a state of their own, and nuclear energy is used for peaceful purposes; a world where governments serve their citizens, and the rights of all God's children are respected. Those are mutual interests. That is the world we seek. But we can only achieve it together.

71. I know there are many - Muslim and non-Muslim - who question whether we can forge this new beginning. Some are eager to stoke the flames of division, and to stand in the way of progress. Some suggest that it isn't worth the effort - that we are fated to disagree, and civilizations are doomed to clash. Many more are simply skeptical that real change can occur. There is so much fear, so much

mistrust. But if we choose to be bound by the past, we will never move forward. And I want to particularly say this to young people of every faith, in every country - you, more than anyone, have the ability to remake this world.

72.All of us share this world for but a brief moment in time. The question is whether we spend that time focused on what pushes us apart, or whether we commit ourselves to an effort - a sustained effort - to find common ground, to focus on the future we seek for our children, and to respect the dignity of all human beings.

73.It is easier to start wars than to end them. It is easier to blame others than to look inward; to see what is different about someone than to find the things we share. But we should choose the right path, not just the easy path. There is also one rule that lies at the heart of every religion - that we do unto others as we would have them do unto us. This truth transcends nations and peoples - a belief that isn't new; that isn't black or white or brown; that isn't Christian, or Muslim or Jew. It's a belief that pulsed in the cradle of civilization, and that still beats in the heart of billions. It's a faith in other people, and it's what brought me here today.

74.We have the power to make the world we seek, but only if we have the courage to make a new beginning, keeping in mind what has been written.

75.The Holy Koran tells us, "O mankind! We have created you male and a female; and we have made you into nations and tribes so that you may know one another."

76.The Talmud tells us: "The whole of the Torah is for the purpose of promoting peace."

77.The Holy Bible tells us, "Blessed are the peacemakers, for they shall be called sons of God."

78.The people of the world can live together in peace. We know that is God's vision. Now, that must be our work here on Earth. Thank you. And may God's peace be upon you.

(Disponível em: < http://www.whitehouse.gov/the_press_office/Remarks-by-the-President-at-Cairo-University-6-04-09/>. Acesso em: 10 jun.2010.)

NOTAS DE FIM

[1] A primeira versão deste trabalho foi publicada nos anais da XII Mostra de Pós-graduação da Universidade de Taubaté em 2011.

[2] Vamos nos referir ao “Discurso” de Obama, com letra maiúscula, por nós entendido como um gênero discursivo que envolve “uma mensagem oral, solene e prolongada, que um orador profere perante uma assistência” (HOUAISS, 2003), a fim de diferenciar do conceito de “discurso” adotado no presente trabalho.

[3] O Discurso, na íntegra, está disponível em: <

http://www.whitehouse.gov/the_press_office/Remarks-by-the-President-at-Cairo-University-6-04-09/.

>. Acesso em: 10 jun. 2010

[4] Embora a denominação amplamente adotada seja *Critical Discourse Analysis* (CDA), que traduzimos como Análise Crítica do Discurso (ACD), Van Dijk (2008) sugere uma mudança da expressão para *Critical Discourse Studies* (CDS) ou Estudos Críticos do Discurso (ECD) em Português. O autor assim o faz a fim de tentar dirimir uma confusão muito frequente que se faz nas Ciências Sociais: entender os ECD como um método de análise. Ele enfatiza que esse método não existe e que “os ECD utilizam qualquer método que seja relevante para os objetivos dos seus projetos de pesquisa”.

[5] Optamos pela análise do Discurso original.

[6] No Anexo, está o discurso na íntegra. Numeramos os parágrafos a fim de facilitar a organização da análise.

[7] O número entre parênteses, à esquerda, corresponde à organização dos excertos. Quando necessário, para melhor localização do leitor, também citaremos, entre parênteses, à direita, o sinal ¶ e o número que corresponde ao parágrafo de onde o excerto foi retirado.

[8] Cadeias referenciais ou anafóricas são formadas quando fazemos referência seguidamente a um mesmo referente ou a elementos estreitamente ligados a ele. Esse movimento constitui um princípio de construção textual na maioria dos textos. Essas formas desempenham um papel fundamental na construção do sentido e na **orientação argumentativa** do texto produzido. (KOCH; ELIAS, 2009, p.144).